

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: NO Amazônicos 528

Data: 11/03/94

Pg.: _____

São Gabriel sedia encontro entre militares

Os Exércitos do Brasil e Venezuela querem reduzir diferenças e ampliar o programa de ações conjuntas na faixa de fronteira dos dois países

Fotos: João Pinuca Rodrigues

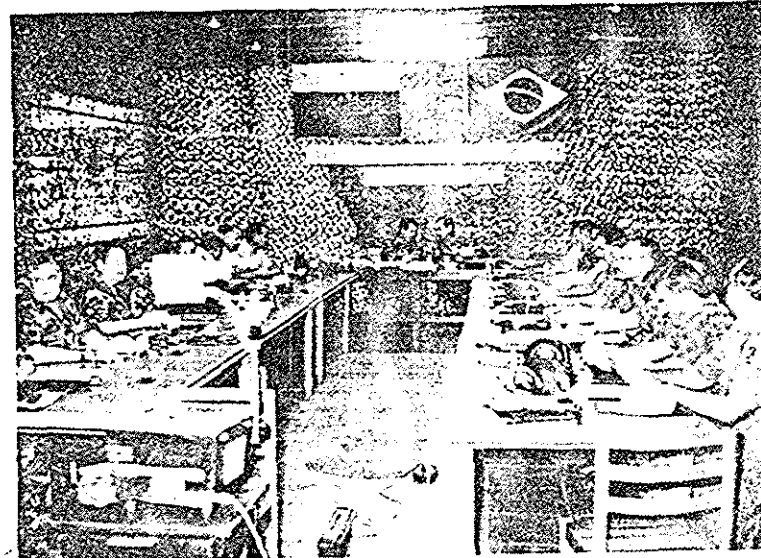
Ivânia Vieira

**SÃO GABRIEL DA CA-
CHOEIRA (AM)** — Os exércitos
do Brasil e da Venezuela que-
rem reduzir diferenças e am-
pliar o programa de ações con-
juntas na faixa de fronteira dos
dois países. Nos dias 8 e 9 últi-
mos, os comandantes militares
da Amazônia, general de Exér-
cito José Sampaio Maia, e da 5ª
Divisão de Infantaria de Selva
da Venezuela, general de briga-
da Valentin Porras Bernal, en-
contraram-se nesta cidade, a
852 km de Manaus, para discu-
tir problemas que afetam esses
países e definir atividades co-
muns. Um desses problemas é a
presença de garimpeiros que, a
partir de agora, passa a ter
maior controle pelos dois exérci-
tos.

Batizado de 6ª Reunião Re-
gional de Intercâmbio Militar
entre os Exércitos do Brasil e
da Venezuela, o encontro, fe-
chado à imprensa, tratou de
questões como o aprimoramento
dos sistemas de comunicação
dos dois exércitos; a fixação de
normas mais simplificadas para
o sobrevôo na faixa de fronteira
por aeronaves militares dos dois
países; adoção de procedimen-
tos comuns em relação aos ci-
dadãos que foram encontrados
em situação irregular na faixa
de fronteira; fortalecer a ligação
entre a Superintendência da
Polícia Federal do Amazonas e
o Comando Regional da Guarda
Nacional Venezuelana; e am-
pliar o intercâmbio de militares
brasileiros e venezuelanos com a
realização de cursos e estágios.
Nessa mesma reunião foram as-
sinados acordos de cooperação
que vão permitir um leque de
ações conjuntas entre os exérci-
tos e órgãos afins dos dois paí-
ses.



Generais do Brasil e Venezuela se unem pela segurança de seus países



Durante o encontro foram assinados acordos de cooperação

A faixa de fronteira Brasil/
Venezuela tem sido palco de in-
cidentes diplomáticos. No início
da década de 60, o governo ve-
nezuelano tentou incorporar ao
patrimônio do país o Pico da Ne-
blina, por interpretar de forma
diferente os marcos que sepa-
ram os dois países. O Brasil con-
seguiu provar que o Pico, a mais
alta montanha brasileira, estava
em seu território. Mais recente-
mente registraram-se outros in-
cidentes. A presença crescente
de garimpeiros, a morte de 19
índios ianomami e a ação dos
narcotraficantes. Um cenário
perfeito que submete os dois
países ao julgamento duro da
comunidade internacional. O ca-
so envolvendo a morte dos iano-
mami é um desses. Chegou a ser
divulgado um número de 73 ín-
dios mortos por garimpeiros. O
Brasil emplacava mais um regis-
tro de genocídio à sua coleção.
Depois, foram confirmadas 19
mortes e difundida a informação
de que estas ocorreram em ter-
ritório venezuelano. O Exército
venezuelano diz que não. O fato
é que a realidade da fronteira
tem sido um péssimo passaporte
para países que querem ser mo-
dernos, de fato.

Exércitos vão para fronteira

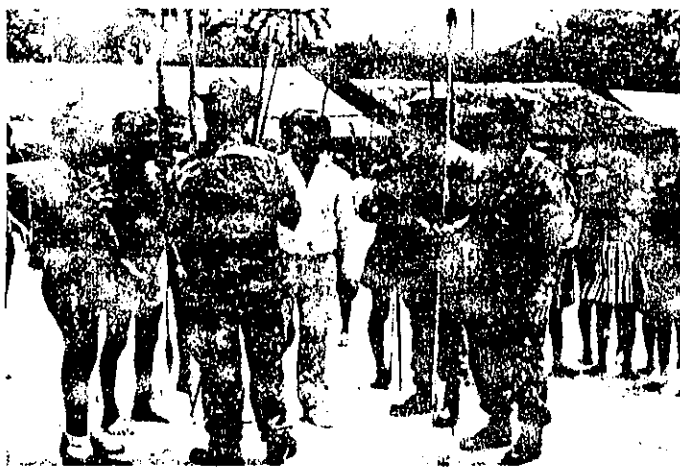
Os Exércitos brasileiro e ve-
nezuelano estão dispostos a fazer
sua parte. Ampliam suas presen-
ças nessa fronteira; fortalecem o
relacionamento e apostam com
determinação em suas teses: po-
vamento, colonização e miscige-
nação são remédios eficazes para
minimizar problemas e perigos
aos dois países. A 6ª reunião é
uma pequena mostra dessa vontade.
O Exército brasileiro levou
em sua delegação o comandante
do VII Comando Aéreo Regional,
Brigadeiro Márcio Callafange, o
comandante da 1ª Brigada de In-
fantaria de Selva, general-de-Bri-
gada Aparício Domingues, e o su-
perintendente da Polícia Federal
do Amazonas, Mauro Spósito,
mais um grupo de seis assessores.
(I.V.)

Soldados realizam ataques simulados

A 6ª Reunião de Intercâmbio Militar dos exércitos do Brasil e da Venezuela, realizada em São Gabriel da Cachoeira (AM) propiciou, a um público restrito, pequenas demonstrações do poder de ataque e defesa dos soldados brasileiros que servem numa das áreas mais conflituosas da região Amazônica: o Alto Rio Negro. A delegação venezuelana, chefiada pelo general-de-brigada Valentin Porras Bernal, comandante da 5ª Divisão de Infantaria de Selva (unidade militar que corresponde ao CMA) assistiu em um dos trechos encachoeirados do rio Negro, onde está instalada a 1ª Companhia do 1º Batalhão de Engenharia e Construção, um ataque simulado, envolvendo três helicópteros, quatro embarcações pequenas e 30 homens. O desempenho da equipe foi aplaudido com entusiasmo.

O Alto Rio Negro forma o cenário de colíseus e controvérsias, envolvendo personagens díspares. Fronteira, índios, garimpeiros, estrangeiros, segurança militar, reservas minerais, endemias, tráfico de drogas, prostituição, sonhos, delusões.

Os comandantes das unidades militares dos dois países deixaram com generosa evidência transparecer a cordialidade. "O relacionamento entre os dois Exércitos é o melhor possível", comentou o general Sampaio Maia. "Somos irmãos", reforçou seu colega vene-



Um grupo de 20 índios da aldeia Ariabú saudam os visitantes

zuelano, general Porras Bernal. Os dois trocaram comendas. Bernal recebeu a medalha do pacificador, a segunda que o CMA outorga a autoridades militares da Venezuela, e Maia a medalha do mérito militar daquele país. Assistiram, juntos, as danças sagradas de um grupo Ianomami semi-integrado à cultura envolvente.

Em Maturacá, o mais novo pelotão do projeto Calha Norte, implantado em outubro do ano passado em área Ianomami, as delegações militares foram recepcionadas com festa pelos índios. Na aldeia Ariabú, o tuxaua Joaquim pintou o rosto e se vestiu com adereços de penas coloridas, organizou um grupo de 20 pessoas, entre homens e mulheres, para saudar os visitantes. As mulheres mais jovens usam sutiã. As

mais velhas não. Os homens, à exceção das crianças, adotaram calção ou calças compridas como peças importantes. A comunidade dispõe de energia elétrica, fornecida por uma minihidrelétrica do Exército, e de uma antena parabólica que diversifica a opção dos programas de televisão. Nessa comunidade e na de Maturacá vivem 600 Ianomamis (dados do Exército). Os índios costumam assistir a meia distância os treinamentos militares. Alguns passeiam, de arco e flecha, pelos corredores das bonitas construções em madeira que seguem o padrão de habitação do Calha Norte e abrigam os diversos departamentos da unidade. O prédio destinado aos representantes dos demais órgãos que integram o projeto continua fechado. Só o Exército cumpriu a sua parte.(I.V.)

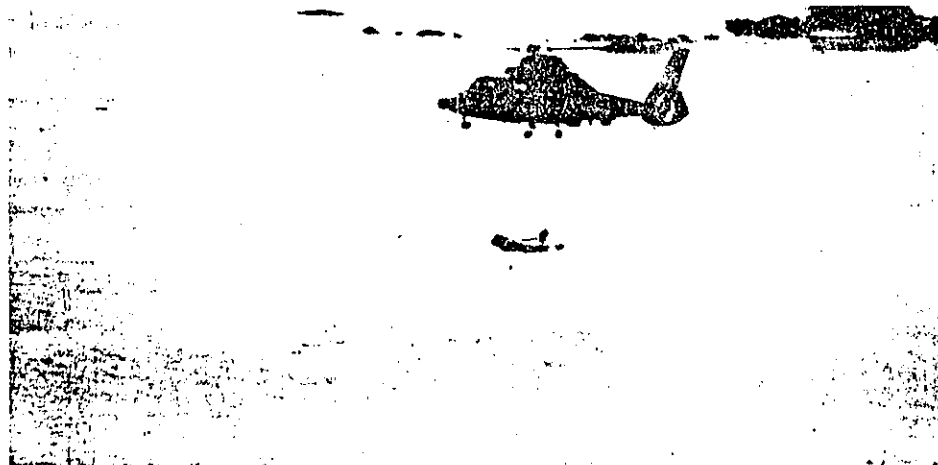
Emater/AM vai assessorar CMA

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/AM) vai assessorar o Comando Militar da Amazônia (CMA) na implantação de projetos agropecuários nas áreas onde estão implantados os pelotões do Exército ao longo da faixa de fronteira do País na região. O presidente da empresa, Paulo Iamini de Rezende, tem visitado os vários núcleos do Exército e está otimista com os frutos do futuro convênio, a ser firmado entre o Governo do Estado, o CMA e a Emater. "É uma excelente idéia e tem tudo para dar certo", vibra.

No início desta semana, Iamini visitou as unidades do Exército no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro. Nelas, já existem pequenas plantações de hortaliças. O comandante do CMA, general de Exército José Sampaio Maia, tem planos audaciosos nessa direção. Quer a plantação de frutas, ampliar e diversificar as hortas e investir na avicultura e ovinocultura. "É possível produzir e enriquecer a dieta alimentar. Temos terra, temos homens, temos técnica. Por que não unir essas condições e reduzir a dependência em relação a esses alimentos", raciocina o general.(I.V.)

Escola ocupada por infantaria

A antiga escola agro-técnica de Teté, no médio Solimões (AM) já é um quartel do Exército. A escola - uma área construída superior a 4 mil hectares - nunca funcionou. Em meados de 1993, o Comando Militar da Amazônia (CMA) instalou no local a 16ª Brigada de Infantaria de Selva, conhecida como "Brigada das Missões" que conta com um efetivo de 450 homens. A área foi transferida para o Exército pelo governo estadual. Na última segunda-feira, o comandante da Amazônia, general de Exército José Sampaio Maia, presidiu o ato de incorporação do primeiro contingente da guarnição formado por 130 soldados da região. A 16ª Brigada foi transferida de Santo Angelo (RS) para Teté. Um grupo de 190 homens saiu do Sul para viver no interior da Amazônia, revelando uma nova face da colonização. Com essa Brigada, o Exército brasileiro completa a sua presença na faixa de fronteira com a Colômbia e o Peru. Em agosto, a unidade completa o seu primeiro ano de instalação. No local também funciona uma escola-ninha que atende a cerca de 150 crianças e começa a ser construída a 1ª Vila Militar, composta de 140 casas. (I.V.)



O helicóptero brasileiro simula um ataque em São Gabriel da Cachoeira